



## TRADUÇÃO O SONHO DA SANTA CRUZ

Diogo Kubrusly de Freitas<sup>1</sup>

### Introdução

O poema anglo-saxão *O Sonho da Santa Cruz*, em inglês *The Dream of the Rood*, encontra-se preservado em duas fontes: no *Livro de Vercelli*, uma coleção de obras de cunho cristão escrita em prosa e verso, datada do final do século X e na *Cruz de Ruthwell*, uma cruz de pregação esculpida em pedra do século VIII, na qual a parte central do poema está gravada em runas (LAPIDGE et al., 2000: 145).

A beleza do poema aqui em foco já foi contemplada por diferentes autores e acadêmicos dedicados ao estudo de caráter histórico e/ou literário dos poemas de origem anglo-saxã. Declarações como as citadas a seguir demonstram o alto grau de qualidade dos versos de *O Sonho da Santa Cruz*: “That this is the finest, most imaginately conceived and most original of the OE religious poems few will dispute.” (HAMER, 2006: 159).<sup>2</sup> “One of the most remarkable and beautiful of Old English poems is *The Dream of the Rood*.” (CAVILL, 1999: 133).<sup>3</sup> “[...] the greatest Christian poem of the age and, indeed, one of the greatest religious poems in English literature.” (CROSSLEY-HOLLAND, 1996: 195).<sup>4</sup>

*O Sonho da Santa Cruz* é o primeiro exemplar anglo-saxão de poesia religiosa na forma de uma visão, que ocorre por meio de um sonho (TAMPIEROVÁ, 2007: 47). O poema refere-se a um homem, que sonha com a Cruz de Cristo. O sofrimento da crucificação de Jesus é contado a partir do ponto de vista da própria Cruz do Senhor, que em dados momentos apresenta a si própria como um símbolo de glória – adornada

<sup>1</sup> Graduado em Letras: Português/Inglês pela Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> “Poucos irão contestar que esse é o melhor, o mais original e o concebido com o mais elevado grau de imaginação dos poemas em inglês antigo.” (HAMER, 2006: 159).

<sup>3</sup> “*O Sonho da Santa Cruz* é um dos poemas mais belos e memoráveis do inglês antigo.” (CAVILL, 1999: 133).

<sup>4</sup> “[...] o maior poema cristão da época e, de fato, um dos maiores poemas religiosos da literatura inglesa.” (CROSSLEY-HOLLAND, 1996: 195).

com ouro e pedras preciosas – e em outros como um símbolo de sofrimento – banhada em sangue, escorrido das chagas do Crucificado. Aquele que está a sonhar encontra-se em estado de perplexidade perante a visão e o discurso da Cruz. No momento em que desperta de seu sonho, ele compreende o real sentido do que é a Redenção proporcionada por Jesus Cristo aos homens por meio de sua dolorosa Paixão (WHITELOCK, 1978: 153).

A respeito da trama apresentada em *O Sonho da Santa Cruz*, algumas breves considerações merecem destaque. Conforme mencionado anteriormente, o primeiro quarto do poema traz um eu-lírico que está a admirar a Cruz, que em dados momentos também é referida como uma árvore. Nesse momento, o eu-lírico sonhador é uma figura passiva, que apenas contempla a natureza mutável da árvore de Cristo. Sobre a segunda parte do poema, podemos dizer que essa é contada pela Cruz. Aqui há o narrar da história da crucificação do Filho de Deus. A árvore vivencia e compartilha do sofrimento e do tormento daquele que está nela pregado. Na penúltima parte do texto, notamos que aquele a quem as visões e as palavras da Cruz foram reveladas deve desempenhar a função de disseminador, compartilhando tudo que viu e ouviu em sonho com o restante da humanidade. Tal ordem parte da própria Cruz da Salvação. Por sua vez, a porção final da história traz o eu-lírico que, desprovido de companheiros, adota a Cruz como seu senhor. O mesmo eu-lírico anseia pelo dia em que irá se juntar aos seus amigos, que já partiram da vida terrena, no Paraíso para desfrutar do banquete celestial (LAPIDGE et al., 2000: 146).

Tendo como base o que foi dito até então, podemos afirmar que o poema aqui abordado é incontestavelmente uma obra religiosa, mais especificamente um escrito cristão. O poema inicia-se com a visão de anjos e santos que assistem atentamente ao desenrolar da batalha de Cristo contra a morte, terminando com as boas-vindas do Filho, o qual adentra o Reino dos Céus depois de ter sido bem sucedido em sua jornada. Não apenas ele entra vitorioso no Paraíso, mas também traz consigo um espólio de guerra: as almas daqueles que haviam partido antes de seu sacrifício (CAVILL, 2006: 136).

Apesar de sua temática essencialmente cristã, ainda assim percebemos a presença marcante de elementos pré-cristãos em *O Sonho da Santa Cruz*. Um desses elementos é a figura do Cristo guerreiro, que se prepara para a batalha para salvar o seu povo. Apesar de toda a dor sentida na Cruz é o Filho de Deus quem está no controle dos

acontecimentos, exercendo seu senhorio (CAVILL 2006, 135). Assim, notamos que Cristo é retratado como um guerreiro germânico:

‘In the Dream of the Rood’<sup>5</sup>, Christ is presented in Germanic heroic terms as the leader of a warrior band or comitatus; the Cross is one of His followers and the dreamer is another. Much of the drama of the first part of the poem drives from the paradox that, in order to be loyal to its Lord, the Cross has to be disloyal and, in fact, to crucify Christ (CROSSLEY-HOLLAND, 1996: 195).<sup>6</sup>

Um segundo elemento relacionado aos tempos anteriores ao processo de cristianização da Inglaterra anglo-saxã é a figura da árvore. Como sabemos, a Cruz do poema é representada em alguns momentos como uma grade árvore, que se eleva aos céus. É sabido que o culto da Cruz era algo comum durante o período anglo-saxão da Inglaterra. Locais em que havia a presença de cruzeiros de pedra eram pontos de adoração. A própria *Cruz de Ruthwell* pode ser vista como um exemplo marcante da combinação entre elementos artísticos da tradição celta, cenas bíblicas e runas germânicas – algo que contribuiu para o desenvolvimento da figura de Cristo como guerreiro dentro da sociedade dos anglo-saxões. Este era o ponto central da fé cristã anglo-saxã: o encontro com a figura heroica de Cristo Jesus. Essa visão do Cristo em “trajes germânicos” levava à conversão, que por sua vez resultava em arrependimento, que finalmente estava ligado ao reconhecimento do corpo de Cristo na Santa Eucaristia (LAPIDGE et al., 2000: 404). Similarmente, localidades em que havia a presença de grandes árvores também eram consideradas como áreas de peregrinação e adoração em tempos pré-cristãos. A presença de igrejas em locais onde havia grandes árvores, que previamente eram vistos como pontos sagrados, era algo comum na época do processo de cristianização da Inglaterra anglo-saxã (TAMPIEROVÁ, 2007: 49-50).

Conforme dito, ainda que tenhamos a presença clara de elementos ligados à cultura e às práticas religiosas de tempos céltico-germânicos, anteriores à chegada das missões evangelizadoras vindas da Irlanda pelo norte e de Roma por meio do sul, não podemos duvidar do caráter cristão de *O Sonho da Santa Cruz*. Tais elementos pré-cristãos

---

<sup>5</sup> Grifos do autor.

<sup>6</sup> Em “**O Sonho da Santa Cruz**”, Cristo é apresentado em termos de um herói germânico como o líder de um grupo de guerreiros ou um comitatus. A Cruz é um de seus seguidores e aquele quem sonha é outro. Muito do drama da primeira parte do poema dá-se pelo paradoxo, de forma que, para ser leal ao seu Senhor, a Cruz deve ser desleal a ele, na realidade, deve crucificar Cristo.

faziam parte da noção de cristianismo dos antigos anglo-saxões. O que ocorre é o esvaziamento dos significados originais das ditas práticas “pagãs”. As práticas dos antepassados germânicos são adequadas à nova realidade religiosa da comunidade que fora cristianizada. Tais elementos pré-cristãos são inseridos nas práticas religiosas de cunho popular dessa sociedade anglo-saxã (MEDEIROS, 2013: 245-6).

Finalmente, gostaríamos de fazer algumas rápidas considerações sobre a nossa tradução. O presente trabalho de tradução de *O Sonho da Santa Cruz* foi baseado na tradução de Hamer (2006) para a língua inglesa moderna a partir do texto original em inglês antigo, sendo que tal tradução foi publicada pela primeira vez em 1970. Temos total consciência das possíveis perdas resultantes do processo de tradução de um poema, em especial no que diz respeito a um texto de um idioma como o inglês antigo, cujos versos possuem estruturas extremamente bem elaboradas e de difícil reprodução. Ainda assim, optamos pelo formato versificado em nosso trabalho para que a natureza poética do texto fosse mantida.

## THE DREAM OF THE ROOD

(HAMER, 2006: 159-71)

1

Hwæt, ic swefna cyst secgan wyllle,  
 hwæt me gemætte to midre nihte,  
 syðþan reordberend reste wunedon.  
 Þuhte me þæt ic gesawe syllicre treow

5

on lyft lædan, leohte bewunden,  
 beama beorhtost. Eall þætbeacen wæs  
 begoten mid golde; gimmas stodon  
 fægere æt foldan sceatum, swylce þær fife wæron  
 uppe on þūm eaxlegespanne. Beheoldon þær engel Dryhtnes ealle

10

fægere þurh forðgesceaft; ne wæs ðær huru fracodes gealga,  
 ac hine þær beheoldon halige gastas,  
 men ofer moldan and eall þeos mære gesceaft.  
 Syllic wæs se sigebeam, ic synnum fah,  
 forwunded mid wommum. Geseah ic wuldres treow

15

wædum geweorðod wynnum sc inan,  
 gegyred mid golde; gimmas hæfdon  
 bewrigen weorðl ice Wealdendes treow.  
 Hwæðre ic þurh þæt gold ongytan meahte  
 earmra ærgewin, þæt hit ærest ongan

20

swætan on þa sw iðran healfe. Eall ic wæs mid sorgum gedrefed  
 forht ic wæs for þære fæggran gesyhðe geseah ic þæt fuse beacen  
 wendan wædum and bleom; hwilumhit wæs mid wætan bestemed,  
 beswyled mid swates gange, hw ilum mid since gegyrwed.  
 Hwæðre ic þær licgende lange hw ile

25

beheold hreowcearig Hælendes treow,  
 oð ðæt ic gehyrde þæt hit hleoðrode  
 ongan þa word sprecau wudu selesta:  
 ‘þæt wæs geara iu - ic þæt gyta geman -  
 þæt ic wæs aheawen holtes on ende,

30

astyred of stefne m inum. Genaman me ðær strange feondas,  
 geworhton him þær to wæfersyne, heton me heora wergas hebban;  
 bæron me þær beornas on eaxlum, oð ðæt hie me on beorg asetton;  
 gefæstnodon me þær feondas genoge. Geseah ic þa Frean mancynnes  
 efstan elne mycle, þæt he me wolde on gestigan.

35

Þær ic þa ne dorste ofer Dryhtnes word  
 bugan oððe berstan, þa ic bifian geseah

eorðan sceatas. Ealle ic mihte  
 feondas gefyllan, hwæðre ic fæste stod.  
 Ongyrede hine þa geong hæleð - þæt wæs God ælmihtig! –

40

strang st iðmod; gestah he on gealgan heanne,  
 modig on manigra gesyhðe, þa he wolde mancyn lysan.  
 Bifode ic þa me se beorn ymbclypte; ne dorste ic hwæðre bugan to eorðan,  
 feallan to foldan sceatum, ac ic sceolde fæste standan.  
 Rod wæs ic aræred; ahof ic r icne Cyning,

45

heofona Hlaford; hylðan me ne dorste.  
 Ðurhdrifan h i me mid deorcan næglum; on me syndon þu dolg gesiene,  
 opene inwidhlemmas; ne dorste ic hira ænigum sceððan.  
 Bysmeredon hie unc butu ætgædere; eall ic wæs mid blode bestemed,  
 begoten of þæs guman s idan siððan he hæfde his gast onsended.

50

'Feala ic on þam beorge gebiden hæbbe  
 wraðra wyrda: geseah ic weruda God  
 þearle þenian. Þystro hæfdon violently,  
 bewrigen mid wolcnum Wealdendes hræw,  
 scirne sciman; sceadu forð eode,

55

wann under wolcnum. Weop eal gesceaft,  
 cwiðdon Cyninges fyll: Crist wæs on rode.  
 Hwæðere þær fuse feorran cwoman  
 to þam Æðelinge; ic þæt eall beheold.  
 Sare ic wæs mid sorgum gedrefed, hnag ic hwæðre þam secgum to handa

60

eaðmod, elne mycle. Genamon hie þær ælmihtigne God,  
 ahofon hine of ðam hefian wite; forleton me þa hilderincas  
 standan steame bedrifenne; eall ic wæs mid strælum forwundod.

Aledon hie ðær limwerigne; gestodon him æt his lices heafdum;  
 beheoldon hie ðær heofenes Dryhten, and he hine ðær hw ile reste,  
 65

meðe æfter ðam miclan gewinne. Ongunnon him þa moldern wyrcan  
 beornas on banan gesyhðe, curfon hie ðæt of beorhtan stane;  
 gesetton hie ðæron sigora Wealdend. Ongunnon him þa sorhleod galan  
 earme on þu æfentide, þa hie woldon eft siðian,  
 meðe fram þam mæran þeodne; reste he ðær mæte weorode.  
 70

Hwæðere we ðær greotende gode hwile  
 stodon on staðole; stefn up gewat  
 hilderinca; hræw colode,  
 fæger feorgbold. Þa us man fyllan ongan  
 ealle to eorðan; þæt wæs egeslic wyrd!  
 75

Bedealf us man on deopan seape. Hwæðre me þær Dryhtnes þegnas,  
 freondas gefrunon,  
 gyredon me golde and seolfre.  
 'Nu ðu miht gehyran, hæleð min se leofa, *beloved (ns)*  
 þæt ic bealuwara weorc gebiden hæbbe,  
 80

sarra sorga. Is nu sæl cumen  
 þæt me weorðiað wide and side  
 menn ofer moldan eall þeos mære gesceaft,  
 gebiddaþ him to þyssum beacne. On me Bearn Godes  
 þrowode hwile; forþan ic þrymfæst nu  
 85

hlifige under heofenum, ic hælan mæg  
 æghwylcne anra, þara þe him bið egesa to me.  
 Iu ic wæs geworden wita heardost,  
 leodum laðost, ær þan ic him lifes weg  
 rihtne gerymde, reordberendum.

90

Hwæt, me þa geweorþode wuldres Ealdor  
ofer holtwudu, heofonrices Weard,  
swylce swa he his modor eac, Marian sylfe,  
æلميhtig God for ealle menn  
geweorðode ofer eall wifa cynn.

95

'Nu ic þe hate, hæleð m in se leofa,  
þæt ðu þas gesyhðe secge mannum;  
onwreoh wordum þæt hit is wuldres beam,  
se ðe æلميhtig God on þrowode  
for mancynnes manegum synnum

100

and Adomes ealdgewyrhtum;  
deað he þær byrigde. Hwæðere eft Dryhten aras  
mid his miclan mihte mannum to helpe.  
He ða on heofenas astag. Hider eft fundað  
on þysne middangeard mancynn secan

105

on domdæge Dryhten sylfa,  
æلميhtig God, his englas mid,  
þæt he þonne wile deman, se ah domes geweald,  
anra gehwylcum swa he him ærur her *previously*  
on þyssum lænan life gearnaþ.

110

Ne mæg þær ænig unforht wesan,  
for þam worde þe se Wealdend cwyð;  
frineð he for þære mænige hwær se man sie,  
se ðe for Dryhtnes naman deaðes wolde  
biteres onbyrigan, swa he ær on ðam beame dyde.

115

Ac hie þonne forhtiað, and fea þencap  
 hwæt hie to Criste cweðan onginnen.  
 Ne þearf ðær þonne ænig anforht wesan  
 þe him ær in breostum bereð beacna selest;  
 ac ðurh ða rode sceal rice gesecan

120

of eorðwege æghwylc sawl,  
 seo þe mid Wealdende wunian þenceð.  
 Gebæd ic me þa to þam beame bliðe mode,  
 elne mycle, þær ic ana wæs  
 mæte werede. Wæs modsefa

125

afysed on forðwege, feala ealra gebad  
 langunghwila. Is me nu lifes hyht  
 þæt ic þone sigebeam secan mote  
 ana oftor þonne ealle men,  
 well weorþian. Me is willa to ðam

130

mycel on mode, and min mundbyrd is  
 geriht to þære rode. Nah ic ricra feala  
 freonda on foldan, ac hie forð heonon  
 gewiton of worulde dreamum, sohton him wuldres Cyning;  
 lifiaþ nu on heofenum mid Heahfædere,

135

wuniaþ on wuldre; ic wene me  
 daga gehwylce hwænne me Dryhtnes rod,  
 þe ic her on eorðan ær sceawode,  
 on þysson lænan life gefetige,  
 and me þonne gebringe þær is blis mycel,

140

dream on heofonum, þær is Dryhtnes folc  
 geseted to symle, þær is singal blis;

and me þonne asette þær ic syþþan mot  
 wunian on wuldre, well mid þam halgum  
 dreames brucan. Si me Dryhten freond,

145

se ðe her on eorþan ær þrowode  
 on þam gealgtreowe for guman synnum;  
 he us onlifsde us lif forgeaf,  
 heofonlicne ham. Hiht wæs geniwad  
 mid bledum mid blisse, þam þe þær bryne þolodan.

150

Se Sunu wæs sigorfæst on þam siðfate,  
 mihtig and spedig, þa he mid manigeo com,  
 gasta weorode, on Godes rice,  
 Anwealda ælmihtig, englum to blisse  
 and eallum ðam halgum þam þe on heofonum ær

155

wunedon on wuldre, þa heora Wealdend cwom,  
 ælmihtig God, þær his eðel wæs.

THE DREAM OF THE ROOD  
 (HAMER, 2006: 159-71)

1

Hear while I tell about the best of dreams  
 Which came to me the middle of one night  
 While humankind were sleeping in their beds.  
 It was as though I saw a wondrous tree

5

Towering in the sky suffused with light,  
 Brightest of beams; and all that beacon was  
 Covered with gold. The corners of the earth  
 Gleamed with fair jewels, just as there were five  
 Upon the cross-beam. Many bands of angels,

10

Fair throughout all eternity, looked on.  
 No felon's gallows that, but holy spirits,  
 Mankind, and all this marvellous creation,  
 Gazed on the glorious tree of victory.  
 And I with sins was stained, wounded with guilt.

15

I saw the tree of glory brightly shine  
 In gorgeous clothing, all bedecked with gold.  
 The Ruler's tree was worthily adorned  
 With gems; yet I could see beyond that gold  
 The ancient strife of wretched men, when first

20

Upon its right side it began to bleed.  
 I was all moved with sorrows, and afraid  
 At the fair sight. I saw that lively beacon  
 Changing its clothes and hues; sometimes it was  
 Bedewed with blood and drenched with flowing gore,

25

At other times it was bedecked with treasure.  
 So I lay watching there the Saviour's tree,  
 Grieving in spirit for a long, long while,  
 Until I heard it utter sounds, the best  
 Of woods began to speak these words to me:

30

"It was long past - I still remember it -  
 That I was cut down at the copse's end,  
 Moved from my root. Strong enemies there took me,  
 Told me to hold aloft their criminals,  
 Made me a spectacle. Men carried me

35

Upon their shoulders, set me on a hill,  
 A host of enemies there fastened me.  
 And then I saw the Lord of all mankind  
 Hasten with eager zeal that He might mount  
 Upon me. I durst not against God's word

40

Bend down or break, when I saw tremble all  
 The surface of the earth. Although I might  
 Have struck down all the foes, yet stood I fast.  
 Then the young hero (who was God almighty)  
 Got ready, resolute and strong in heart.

45

He climbed onto the lofty gallows-tree,  
 Bold in the sight of many watching men,  
 When He intended to redeem mankind.  
 I trembled as the warrior embraced me.  
 But still I dared not bend down to the earth,

50

Fall to the ground. Upright I had to stand.  
 A rood I was raised up; and I held high  
 The noble King, the Lord of heaven above.  
 I dared not stoop. They pierced me with dark nails;  
 The scars can still be clearly seen on me,

55

The open wounds of malice. yet might I  
 Not harm them. They reviled us both together.  
 I was made wet all over with the blood  
 Which poured out from his side, after He had Sent forth His spirit. And I  
 underwent

60

Full many a dire experience on that hill.  
 I saw the God of hosts stretched grimly out.

Darkness covered the Ruler's corpse with clouds  
 His shining beauty; shadows passed across,  
 Black in the darkness. All creation wept,

65

Bewailed the King's death; Christ was on the cross.  
 And yet I saw men coming from afar,  
 Hastening to the Prince. I watched it all.  
 With sorrows I was grievously oppressed,  
 Yet willingly I bent to those men's hands,

70

Humbly. They took up there Almighty God,  
 And from the heavy torment lifted Him.  
 The soldiers left me standing drenched with moisture,  
 Wounded all over with the metal points.  
 They laid Him down limb-weary; then they stood

75

Beside the corpse's head, there they beheld  
 The Lord of heaven, and He rested there  
 A while, tired after the great agony.  
 The men then made a sepulchre for Him  
 In sight of me. They carved it of bright stone,

80

And set therein the Lord of victories.  
 Next, wretched in the eveningtide, they sang  
 A dirge for Him; and when they went away,  
 Weary from that great Prince, He stayed alone.  
 Yet we remained there weeping in our places

85

A good long time after the warriors' voices  
 Had passed away from us. The corpse grew cold,  
 The fair abode of life. Then men began

To cut us down. That was a dreadful fate.  
 In a deep pit they buried us. But friends

90

And servants of the Lord learnt where I was,  
 And decorated me with gold and silver.  
 Now you may understand, dear warrior,  
 That I have suffered deeds of wicked men  
 And grievous sorrows. Now the time has come

95

That far and wide on earth men honour me,  
 And all this great and glorious creation,  
 And to this beacon offers prayers. On me  
 The Son of God once suffered; therefore now  
 I tower mighty underneath the heavens,

100

And I may heal all those in awe of me.  
 Once I became the cruellest of tortures,  
 Most hateful to all nations, till the time  
 I opened the right way of life for men.  
 So then the prince of glory honoured me,

105

And heaven's King exalted me above  
 All other trees, just as Almighty God  
 Raised up His mother Mary for all men  
 Above all other women in the world.  
 Now, my dear warrior, I order you

110

That you reveal this vision to mankind,  
 Declare in words this is the tree of glory  
 On which Almighty God once suffered torments  
 For mankind's many sins, and for the deeds  
 Of Adam long ago. He tasted death

115

Thereon; and yet the Lord arose again  
 By his great might to come to human aid.  
 He rose to heaven. And the Lord Himself,  
 Almighty God and all His angels with Him,  
 Will come onto this earth again to seek

120

Mankind on Doomsday, when the final Judge  
 Will give His verdict upon every man,  
 What in this fleeting life he shall have earned.  
 Nor then may any man be without fear  
 About the words the Lord shall say to him.

125

Before all He shall ask where that man is  
 Who for God's name would suffer bitter death  
 As formerly He did upon the cross.  
 Then they will be afraid, and few will know  
 What they may say to Christ. But there need none

130

Be fearful if he bears upon his breast  
 The best of tokens. Through the cross each soul  
 Nay journey to the heavens from this earth,  
 Who with the Ruler thinks to go and dwell."  
 I prayed then to the cross with joyous heart

135

And eagerness, where I was all alone,  
 Companionless; my spirit was inspired  
 With keenness for departure; and I spent  
 Much time in longing. Now my hope of life  
 Is that I may approach the tree of triumph

140

Alone more often than all other men,  
 Honour it well; my wish for that is great  
 Within my heart, and my hope for support  
 Is turned towards the cross. I have on earth  
 Not many noble friends, but they have gone

145

Hence from earth's joys and sought the King of glory.  
 With the High father now they live in heaven  
 And dwell in glory; and I wait each day  
 For when the cross of God, which here on earth  
 I formerly beheld, may fetch me from

150

This transitory life and carry me  
 To where there is great bliss and joy in heaven,  
 Where the Lord's host is seated at the feast,  
 And it shall set me where I afterwards  
 may dwell in glory, live in lasting bliss

155

Among the saints. May God be friend to me,  
 He who once suffered on the gallows tree  
 On earth here for men's sins. Us He redeemed  
 And granted us our life and heavenly home.  
 Hope was renewed with glory and with bliss

160

For those who suffered burning fires in hell.  
 The Son was mighty on that expedition,  
 Successful and victorious; and when  
 The one Almighty Ruler brought with Him  
 A multitude of spirits to God's kingdom,

165

To bliss among the angels and the souls  
 Of all who dwelt already in the heavens

In glory, then Almighty God had come,  
The Ruler entered into His own land.

### O SONHO DA SANTA CRUZ

1

Escutem enquanto eu lhes conto sobre o melhor dos sonhos  
Que veio a mim no meio de uma noite  
Enquanto a humanidade dormia em suas camas.  
Foi como se eu visse uma árvore maravilhosa

5

Elevando-se aos céus cheia de luz,  
A mais brilhante das vigas; e todo o radiante sinal estava  
Coberto com ouro. Os cantos da terra  
Brilhavam com belas joias, e da mesma forma havia cinco  
Sobre a viga transversal. Várias falanges de anjos,

10

Graciosos por toda a eternidade, a admiravam.  
Nenhum suplício de bandidos era ela, mas os santos espíritos,  
A humanidade e toda a maravilhosa criação,  
Olhavam fixamente para a gloriosa árvore da vitória.  
E eu, de pecados manchado, ferido por culpas.

15

Eu vi a árvore da glória fulgurar  
Em lindo traje, toda ornada em ouro.  
A árvore do Soberano estava dignamente ataviada  
Com pedras preciosas; ainda assim eu pude ver, além daquele ouro,  
A imemorial luta de homens miseráveis, quando primeiro

20

Em seu lado direito começou a sangrar.  
Eu estava levado por desolação, com medo  
Da bela visão. Eu vi o coruscante sinal

Mudar suas vestes e tons; às vezes estava  
Orvalhada e encharcada de negro sangue,

25

Em outros momentos estava revestida com tesouros.  
Me deixei ficar a olhar a árvore do Salvador,  
Lamentando em espírito por um longo, longo tempo,  
Até escutá-la emitir sons, o melhor  
Dos lenhos começou a dizer estas palavras para mim:

30

“Foi há muito tempo – ainda lembro –  
Que fui cortada na margem do bosque,  
Separada de minha raiz. Ali, fortes inimigos apanharam-me,  
Disseram-me para manter no alto seus criminosos,  
Fizeram de mim um espetáculo. Homens carregavam-me,

35

Sobre seus ombros, colocaram-me sobre um monte,  
Uma horda de inimigos lá me fixou.  
E então eu vi o Senhor de toda a humanidade  
Apressar-se com ávido zelo para que Ele pudesse montar  
Em mim. Não ousei, diante da palavra de Deus,

40

Inclinar-me ou quebrar, quando vi tremer toda  
A superfície da terra. Embora eu pudesse  
Ter derrubado todos os inimigos, ainda assim continuei firme.  
Então, o jovem herói (que era Deus Todo-Poderoso)  
Preparou-se, resoluto e forte em coração.

45

Ele escalou a elevada árvore-cadafalso,  
Corajoso sob o olhar dos muitos homens que assistiam,  
Enquanto Ele pretendia redimir a humanidade.  
Tremi conforme o guerreiro me abraçava.  
Mas ainda assim não ousei abaixar-me para a terra,

50

Cair ao chão. Erguida eu tinha que permanecer.  
 Como uma cruz fui levantada; e segurei nas alturas  
 O nobre Rei, o Senhor dos céus acima.  
 Não me atrevi a inclinar. Eles me transpassaram com pregos negros;  
 As cicatrizes ainda podem ser vistas claramente em mim,

55

As feridas abertas da malícia, mas ainda assim eu  
 Não os podia fazer mal. Eles nos desprezaram em conjunto.  
 Fui totalmente encharcada com o sangue  
 Que escorria de o seu lado, depois que Ele entregara Seu espírito. Eu  
 Suportei

60

Muitas e muitas terríveis experiências naquele monte.  
 Eu vi o Deus dos exércitos estirado penosamente.  
 A escuridão cobriu o corpo do Soberano com nuvens  
 A sua beleza radiante; sombras passaram por ela,  
 Trevas sobre trevas. Toda a criação chorou,

65

Carpindo a morte do Rei; Cristo estava na cruz.  
 Entretanto, eu vi homens que vinham de longe,  
 Apressando-se para o Príncipe. Eu vi tudo isso.  
 Pela tristeza eu estava dolorosamente oprimida.  
 No entanto, curvei-me de bom grado para as mãos daqueles homens,

70

Humildemente. Lá, eles tomaram Deus Todo-Poderoso,  
 E do pesado tormento O levantaram.  
 Os soldados deixaram-me de pé, encharcada de umidade,  
 Toda ferida pelas pontas de metal  
 Eles O deitaram com os membros cansados; ficaram então de pé

75

Ao lado da cabeça do corpo, lá eles contemplaram

O Senhor dos céus, e lá Ele repousou  
 Um momento, fatigado após a grande agonia.  
 Então, os homens fizeram para Ele um sepulcro  
 À minha vista. Eles o esculpiram em rocha cintilante,

80

E dentro colocaram o Senhor das vitórias.  
 Em seguida, acabrunhados ao anoitecer, cantaram  
 Para Ele um lamento; e quando partiram,  
 Cansados do grande Príncipe, Ele ficou sozinho.  
 Mas ali permanecemos, chorando em nossos lugares

85

Por um longo tempo, depois que as vozes dos guerreiros  
 Haviam nos deixado. O corpo esfriou,  
 A bela morada da vida. Então os homens começaram  
 A nos abater. Esse foi um terrível fado.  
 Em um fosso profundo eles nos enterraram. Mas amigos

90

E servos do Senhor souberam onde eu estava,  
 E decoraram-me com ouro e prata.  
 Agora talvez você entenda, caro guerreiro,  
 Que eu sofri os feitos de homens perversos  
 E penosas dores. Agora chegou o tempo

95

Que em todos os cantos desta vasta terra homens me honrem,  
 E toda essa grande e gloriosa criação,  
 E a esse sinal luminoso ofereçam preces. Sobre mim,  
 O Filho de Deus sofreu certa vez; portanto agora  
 Elevo-me poderosa sob os céus,

100

Posso curar todos aqueles que têm respeito e temor a mim.  
 Eu já fui a mais cruel das torturas,  
 A mais odiada pelas nações, até a hora que

Abri aos homens o caminho certo para a vida  
 Então o príncipe da glória honrou-me,

105

E o Rei dos céus exaltou-me acima  
 De todas as outras árvores, assim como o Deus Todo-Poderoso  
 Elevou Sua mãe Maria, para todos os homens,  
 Acima de todas as outras mulheres do mundo.  
 Agora, meu caro guerreiro, ordeno-lhe

110

Que vá revelar essa visão à humanidade,  
 Declare em palavras que essa é a árvore da glória  
 Sobre a qual uma vez Deus Todo-Poderoso sofreu tormentos  
 Pelos muitos pecados da humanidade, e pelos feitos  
 De Adão há muito tempo atrás. Ele provou da morte

115

Sobre ela; no entanto, o Senhor levantou-se novamente,  
 Por sua grande força, para vir ao socorro da humanidade  
 Ele subiu aos céus. E o Próprio Senhor,  
 Deus Todo-Poderoso e Seus anjos com Ele,  
 Virão de novo a esta terra para buscar

120

A humanidade no Fim dos Tempos, quando o Juiz final  
 Dará Seu veredicto sobre cada homem,  
 Aquilo que nessa vida fugaz ele tiver merecido.  
 Que nenhum homem deixe então de temer  
 As palavras que o Senhor dirá a ele.

125

Diante de todos Ele há de perguntar onde está o homem  
 Que pelo nome de Deus sofreria uma morte amarga  
 Como anteriormente Ele sofreu na cruz.  
 Então eles terão medo e poucos saberão  
 O que dizer ao Cristo. Mas ninguém precisa

130

Temer se carregar sobre seu peito  
 O melhor dos símbolos. Pela cruz virá  
 Desde esta terra até os céus,  
 Cada alma que com o Soberano pensar em vir morar.”  
 Orei então para a cruz com o coração jubiloso

135

E com empenho, onde eu estava de todo sozinho,  
 Sem companheiros; meu espírito foi inspirado  
 Com o forte desejo da partida; e levei  
 Muito tempo nesta ânsia. Agora minha esperança de vida  
 É que eu possa aproximar-me da árvore do triunfo

140

Mais só que a totalidade dos homens,  
 Honrá-la bem; meu desejo por isso é grande  
 Em meu coração, e minha esperança de apoio  
 Volta-se em direção à cruz. Não tenho na terra  
 Muitos amigos nobres, eles se foram

145

Das alegrias dessa terra e buscaram pelo Rei da glória.  
 Com o Alto Pai eles agora vivem nos céus  
 E habitam em glória; e cada dia eu aguardo  
 Pelo momento que a cruz de Deus, que aqui na terra  
 Eu anteriormente contemplei, me buscará dessa

150

Vida transitória e me carregará  
 Para onde há grande felicidade e gozo nos céus,  
 Onde o exército do Senhor está sentado para o banquete,  
 E irá instalar-me onde eu posteriormente  
 Irei morar em glória, viver em eterna alegria

155

Em meio aos santos. Que Deus tenha-me como amigo,

Ele que uma vez sofreu na árvore-cadafalso  
Na terra pelos pecados dos homens. Ele nos redimiu  
E nos garantiu a nossa vida e morada celeste.  
A esperança foi renovada com glória e com alegria

160

Para aqueles que sofreram chamas ardentes no inferno.  
O Filho foi poderoso naquela expedição,  
Bem sucedido e vitorioso; e quando  
O único Soberano Todo-Poderoso trouxe com Ele  
Uma multidão de espíritos para o reino de Deus,

165

Para o regozijo entre os anjos e as almas  
De todos aqueles que já moravam nos céus  
Em glória, Deus Todo-Poderoso então viera,  
O Soberano adentrou em Sua própria terra.

### **Agradecimento**

À professora Assunção Medeiros, integrante do *Brathair - Grupo de Estudos de Cultura Celta e Germânica*, pela generosa e atenta revisão da atual tradução para a língua portuguesa.

### **Fonte Primária**

HAMER, Richard. **A choice of anglo-saxon verse**. London: Faber and Faber, 2006.

### **Referências Bibliográficas**

CAVILL, Paul. **Anglo-saxon christianity**. London: Fount, 1999.

CROSSLEY-HOLLAND, Kevin. **The anglo-saxon world: An anthology**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

LAPIDGE, Michael et al. **The Blackwell encyclopedia of anglo-saxon England**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

MEDEIROS, Elton. O poder das letras: cristianismo e magia no Pater Noster anglo-saxão. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 16, p. 229-266, 2013.

Disponível em: <  
<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/22634/12703>>  
acessado a 05 de dezembro de 2015.

TAMPIEROVÁ, Helena. The Dream of the Rood – A Blend of Christian and Pagan Values. **South Bohemian Anglo-American Studies**, České Budějovice, v. 1, n. 1, p. 47-51, 2007. Disponível em: < <https://www.pf.jcu.cz/stru/katedry/aj/doc/sbaas01-tampierova.pdf> > acessado a 05 de dezembro de 2015.

WHITELOCK, Dorothy. **Sweet's anglo-saxon reader: In prose and verse**. 15. ed. Oxford: Oxford University Press, 1978.